



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

Cyberactivism of Black Feminists on social network Instagram

Nadine Matias Bovet¹

Renato Victor Lira Brito²

Karine Danielle da Costa Lira³

Resumo: O presente artigo discute como o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) tem contribuído para a mudança e o consequente fortalecimento de Movimentos Sociais no Brasil como o Feminismo Negro. Argumentamos que isso ocorre pelas seguintes vias: 1) a alta taxa de penetração na Internet dá maior visibilidade para ciberativistas; 2) as redes sociais passaram a ambientar trocas de experiências e apoio mútuo; e 3) as informações dispostas na Internet representam um potencial considerável no que concerne ao didatismo sobre a temática. Metodologicamente, esta pesquisa utiliza a abordagem qualitativa, com enfoque na análise exploratória do assunto, consistindo a sua contribuição em um levantamento bibliográfico e documental acerca do tema, além da análise de páginas na rede social Instagram.

Palavras -Chave: Ciberativismo brasileiro. Feminismo Negro. Internet. Instagram.

Abstract: This article discusses how the advent of Information and Communication Technologies (ICT's) has contributed to the change and consequent strengthening of Social Movements in Brazil such as Black Feminism. We argue that this occurs in the following ways: 1) the high penetration rate on the Internet gives cyber activists greater visibility; 2) social networks began to provide an atmosphere for exchanges of experiences and mutual support; and 3) the information available on the Internet represents considerable potential in terms of didacticism on the subject. Methodologically, this research uses a qualitative approach, focusing on the exploratory analysis of the subject, consisting of its contribution in a bibliographic and documentary

¹ Especialista em Educação, Cultura e Diversidade (UNIASSELVI). Especialista em Políticas e Gestão em Serviço Social (UNIASSELVI). Cabo de Santo Agostinho - Pernambuco - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9094-0642>. E-mail: nadinebovet@gmail.com.

² Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife - Pernambuco - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6012-8469>. E-mail: renato.lirabrito@ufpe.br.

³ Mestranda em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Paulo Afonso - Bahia - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8177-1733>. E-mail: karine.lira@ufpe.br.



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

survey on the subject, in addition to the analysis of pages on the social network Instagram.

Keywords: Brazilian cyberactivism. Black Feminism. Internet. Instagram.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

1. Introdução

A humanidade vive em constantes processos de mudanças, e um dos fatores que possibilitam tal feito é o desenvolvimento de novas tecnologias. Nesse sentido, o presente estudo busca discutir como as ferramentas da Internet e Redes Sociais têm transformado as relações entre os sujeitos, com o exemplo empírico de postagens no Instagram. Enfatizamos, com isso, o debate sobre o ativismo digital nas últimas décadas.

Com este trabalho, objetivamos apresentar um prospecto da relação entre ciberativismo, feminismo negro e as novas formas de relações humanas no Brasil com o advento das redes sociais. Como objetivos específicos, buscamos: a) descrever o contexto da Internet no Brasil; b) debater as problemáticas emergentes no espaço cibernético; c) apresentar a história recente de movimentos sociais no país; d) abordar algumas das principais contribuições da expectativa teórica em relação ao feminismo negro; e e) analisar exemplos empíricos da atuação de ciberativistas.

Metodologicamente, esta pesquisa possui teor qualitativo, estando direcionada para uma análise exploratória do assunto, com o intuito de identificar as principais fronteiras envolvendo o objeto de pesquisa e proporcionar uma síntese interdisciplinar entre temas debatidos nas mais diversas áreas. Inicialmente, apresentamos a discussão a respeito dos expoentes da literatura e discorremos sobre os levantamentos quantitativos realizados por instituições de renome no Brasil. A partir dessa confluência entre expectativa teórica e informações empíricas, estabelecemos o debate específico sobre o ciberativismo do feminismo negro no país e as possibilidades de abordagem da temática. O último recurso metodológico é a aplicação empírica para o estudo de dois casos de postagens de ciberativistas na rede social Instagram.

Na próxima seção, discutiremos brevemente como se originou a Internet no Brasil e como a sua utilização teve um crescimento intensificado nos últimos anos, conforme dados estatísticos divulgados. Descrevemos, em seguida, como os indivíduos vêm utilizando a Internet para comunicação, dando margem para apresentarmos as redes sociais mais utilizadas no país e um exemplo de fator problemático sobre o



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

comportamento em redes sociais, que é o discurso de ódio. Complementamos a seção discorrendo sobre conceitos inerentes à temática do ativismo digital, destacando as categorias apresentadas por Vegh (2003) e a sua origem no Brasil.

Por conseguinte, a segunda parte busca apresentar o que são os denominados “novos movimentos sociais”, historicizando brevemente o percurso do feminismo no país, que teve o seu surgimento associado a uma participação social majoritariamente branca, com um distanciamento das mulheres negras da luta por não serem representadas dentro do grupo. Diante desse contexto, as feministas negras, então, passaram a construir seus próprios espaços dentro do movimento, aparecendo como referências nesse estudo Sueli Carneiro (2011), Lélia Gonzalez (1988) e Kimberlé Crenshaw (2002), que abordaram assuntos como os exemplificados: interseccionalidade e “enegrecer” o feminismo. Dessa maneira, apresentamos essas contribuições indicando a sua importância dentro da construção do ciberativismo no feminismo negro brasileiro.

A síntese da pesquisa ocorre com uma análise do discurso de duas postagens feitas por ativistas digitais e representantes do feminismo negro, aprofundando os debates com os referenciais teóricos que abrangem as temáticas expostas, tais como: racismo recreativo, escravidão, branquitude e a solidão da mulher negra. Por fim, discorreremos sobre os principais resultados e apresentamos as considerações finais.

2. Internet, Redes Sociais e Ciberativismo

A implementação da Internet no Brasil, que teve início na década de 1990, foi direcionada inicialmente ao contexto acadêmico no âmbito das universidades, centros de pesquisa e órgãos governamentais localizados nas principais capitais do país. Apesar da restrição ao seu uso, o poder estatal possuía interesse em investir no seu desenvolvimento para a comercialização no setor de telecomunicações, iniciando uma grande disputa para garantir os direitos de acesso à rede no Brasil.

Embora os avanços tecnológicos e o surgimento da Internet em território brasileiro tenham completado cerca de trinta anos, a utilização desses recursos



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

apresentou um crescimento exponencial nos últimos anos⁴, conforme dados da TIC Domicílios (2020), com o estudo realizado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR):

Quadro 1 - Usuários de Internet, porcentagem por área

Área/Ano	2018	2019	2020
Urbana	74%	77%	83%
Rural	49%	53%	70%
Total	70%	74%	87%

Fonte: Elaboração dos autores com informações da Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2020.

Segundo o levantamento realizado, representado no Quadro 1, o uso da Internet cresceu consideravelmente no ano de 2020, passando a alcançar 87% (oitenta e sete por cento) da população, o que corresponde a 152 milhões de pessoas conectadas. Vale ressaltar, principalmente, o aumento do número de usuários da área rural entre os anos de 2019 e 2020. Esse fenômeno possui uma relação discreta com a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que demandou o isolamento social e fez com que houvesse a necessidade da maior conectividade para que determinadas atividades, antes presenciais, passassem para a esfera virtual, à distância.

Dentre as atividades realizadas por meio da Internet, a TIC Domicílios (2020) apresentou duas categorias: Informações e Serviços, e Comunicação, sendo a segunda nosso foco para estudo:

Quadro 2 - Atividades realizadas na Internet

⁴ De acordo com o Ministério das Comunicações, em 2021, o Brasil ocupou o 5º lugar no ranking de países com população online, além de ser o terceiro país no mundo a utilizar diariamente a Internet.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

Tipos de comunicação/Ano	2018	2019	2020
Envio de mensagens instantâneas	92%	92%	93%
Conversas por chamada de voz ou vídeo	70%	73%	80%
Uso de redes sociais	75%	76%	72%

Fonte: Elaboração dos autores com informações da Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2020.

De acordo com a referida pesquisa, a utilização da Internet no âmbito da comunicação se dividiu em: envio de mensagens instantâneas - 93% (noventa e três por cento); conversas através de chamadas de voz e vídeo - 80% (oitenta por cento); e uso de redes sociais, de 2019 para 2020, houve uma redução de 4% (quatro por cento). Apesar da redução em números da população ao tratar das redes sociais, o Brasil, no ano de 2021, ficou em terceiro lugar no ranking mundial dos países que fazem uso das plataformas digitais, com uma média diária de 3 horas e 42 minutos, estando atrás apenas das Filipinas e da Colômbia.

Entre as cinco redes mais utilizadas pelos internautas brasileiros em 2021, exemplificamos:

Quadro 3 - Redes Sociais no Brasil

Rede Social	Posição	Funções	Número de Usuários
Facebook	1º	Conversar, participar de grupos, compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias, divulgar serviços ou produtos para venda.	130 milhões
YouTube	2º	Assistir, carregar e compartilhar vídeos em formato digital.	127 milhões



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

WhatsApp	3°	Realizar chamadas de voz e videochamadas; conversar por mensagens; compartilhar documentos, vídeos, imagens e textos, efetuar pagamentos.	120 milhões
Instagram	4°	Compartilhar fotos e vídeos, conversar por mensagens, comentar/interagir em publicações dos perfis.	110 milhões
Facebook Messenger	5°	Conversar por mensagens de texto; compartilhar fotos, vídeos e mensagens de voz.	77 milhões

Fonte: Elaboração dos autores com informações disponíveis no site Resultados Digitais.

Essas plataformas são alguns dos exemplos de facilitadoras para as conexões entre os sujeitos ou grupos, que possuem a necessidade de se relacionarem uns com os outros, buscando dentro das redes sociais uma identificação das ideias, de modo a se sentirem fazendo parte de algo. Como Ciribeli e Paiva (2011) destacam:

O sucesso das redes sociais na internet dá-se pela liberdade de expressão e realidade dos conteúdos postados. Por não estarem cara a cara, há uma entrega maior dos usuários quanto à exposição de seus sentimentos e opiniões que são postados e discutidos na rede. São muitos os benefícios de se relacionar na internet, porém deve-se ter cuidado com a segurança pessoal. A rede também está repleta de pessoas mal-intencionadas que cometem cyberbullying, ou seja, intimidação pessoal. Comunidades e perfis falsos, blogs anônimos são algumas das formas encontradas pelos agressores virtuais para atacar suas vítimas. Portanto, é essencial buscar saber quem realmente são os amigos antes de adicioná-los na rede de contatos (CIRIBELI; PAIVA, 2011, p. 65).

Vale ressaltar que as redes sociais, relacionadas a outros fenômenos complexos da sociedade, apresentam qualidades positivas e negativas. Integrando essa última categoria, o discurso de ódio, que também inclui o cyberbullying, pode ser entendido como qualquer expressão de intolerância, violência ou estigmatização de grupos/pessoas, podendo ser devido à raça, condição socioeconômica, religião, sexualidade, características físicas, nacionalidade, ideais políticos, entre outros.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

Nota-se que uma grande maioria dos indivíduos que cometem tal ação se utilizam do termo “liberdade de expressão” na tentativa de justificar os próprios atos. Embora a liberdade de expressão esteja prevista na Constituição Federal de 1988 como direito de cada sujeito, existe um limite no que concerne a perpetuação de ódio e discriminação, o qual diversas vezes são maquiadas e chamadas de “opinião”, causa um ataque diretamente aos Direitos Humanos.

Para Quadrado e Ferreira (2020, p. 422), “este tipo de discurso realiza-se pautado em estereótipos e estigmas sociais como se fosse uma disputa na qual quanto mais odioso o discurso, mais aceito e prestigiado é o emissor por grupos de pessoas que compartilham de suas ideias”. Os discursos de ódio, através de perfis anônimos, são um dos meios mais comuns utilizados para a manutenção desse tipo de violência nas redes sociais, e tendem a passar segurança ou resguardo da identidade do indivíduo, fazendo-o se sentir “protegido” de consequências futuras.

De acordo com os dados da SaferNet⁵, no ano de 2020, o número de denúncias recebidas dobrou em consideração aos anos anteriores, tendo sido notável um aumento de 147,8% (cento e quarenta e sete e oito por cento) em relação aos crimes de racismo e 78,5% (setenta e oito e cinco por cento) voltados à violência ou discriminação contra a mulher.

Desse modo, é perceptível o ponto de interseção entre as lutas de ativistas e movimentos sociais no combate aos ataques das minorias, na busca do enfrentamento das mais variadas formas de desigualdade, violências, entre outras questões, uma vez que todo esse movimento ocorre em um contexto de crescimento exponencial dos ataques que devem ser combatidos. Justamente por esse cenário de transposição dos crimes para o espaço cibernético é que se faz mister o advento do ciberativismo.

2.1 Conceituando o Ciberativismo

⁵ Organização não governamental que atua na defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil.

Áskesis, v. 10, nº. 2, p. 210-235, Jul-Dez, 2021

ISSN: 2238-3069 / DOI: 10.46269/10221.767



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

Embora as práticas do ciberativismo tenham adquirido maior notoriedade e fortalecimento na última década, esse mecanismo de articulação dos movimentos sociais se faz tão antigo quanto a Internet, remontando a sua origem à década de 1980. A utilização dessas novas tecnologias de comunicação e informação representou uma inovação no modo de se pensar e de agir dos sujeitos envolvidos nas lutas sociais. De acordo com Vegh (2003), existem três categorias analíticas no que diz respeito ao ativismo digital, sendo elas: 1) Conscientização/Apoio; 2) Organização/Mobilização; e 3) Ação/Reação.

A primeira dimensão consiste no reconhecimento da Internet como uma fonte alternativa de informação, ou seja, os indivíduos e organizações independentes buscam divulgar conteúdos em sites, a partir de seus pontos de vista a respeito de uma questão, que anteriormente eram relatados de forma imprópria ou não abordados por meio da mídia de massa. Desse modo, o acesso em sites, fóruns, faz com que as pessoas pertencentes aos mais diferentes espaços entrem em contato com outras realidades, podendo ou não, se sensibilizar com as causas e participar de mobilizações online e offline.

Por conseguinte, a segunda categoria trata de um meio no qual ocorre a convocação de manifestações, o fortalecimento de uma ou várias causas ou até a construção de um público. Vegh (2003), argumenta que a Internet é usada de três maneiras diferentes ao se tratar de mobilizações, estas que destacamos como:

- **Online-Offline:** com a utilização da tecnologia, se realiza o agendamento de ações, como protestos, em locais e horários específicos.
- **Offline-Online:** a realização de uma ação, que normalmente se insere na esfera presencial, mas que virtualmente se torna mais eficiente.
- **Online-Online:** ações que são completamente no espaço virtual, neste caso, podemos mencionar os ataques cibernéticos, como mecanismo de lutas sociais, inclusos na terceira categoria analítica acerca do ativismo digital.

A última dimensão refere-se ao hacktivism, que é uma ideologia/filosofia na qual há a busca pela liberdade de informação, proporcionando aos sujeitos uma maior



transparência com relação àquilo que consomem virtualmente. Alguns exemplos que podem ser elencados são os grupos Anonymous, WikiLeaks e os hackers da Vaza Jato.

No contexto brasileiro, o ciberativismo emergiu por volta da década de 1990, havendo relação direta com os chamados “Novos Movimentos Sociais” que, para Montañó e Duriguetto (2011), são como complementos ou alternativas aos movimentos sociais clássicos, portanto, perpassando a ideia inicial de contestação do poder do capital sobre o trabalho. Desse modo, eles são caracterizados pelas lutas fora da esfera imediata do trabalho e produção, além da postura anti-Estado e anti-partidários, havendo como pautas questões voltadas à: etnia, identidade social, gênero, meio ambiente, violação de direitos, entre outros.

Para Barros (2001):

A dinâmica do ativismo digital é multidirecional e aponta para a ampliação do alcance das iniciativas, na medida em que tanto permite consolidar a atuação de grupos já atuantes fora do cyberspaço como para os que fazem o movimento contrário, ou seja, iniciam no mundo virtual e se ramificam para organizações dotadas de materialidade geográfica (BARROS, 2001, p. 8).

Observamos que as estratégias de mobilização e articulação dos movimentos sociais operam de acordo com os processos de desenvolvimento a nível mundial e/ou nacional, ocasionando conquistas de novos espaços para atuação e reformulação no entorno de cada grupo. A partir do momento em que se inserem novas tecnologias de informação, a ocupação dos espaços virtuais ocorreu de forma acelerada, tendo sido constituído um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado.

3. Novos Movimentos Sociais: Feminismo Negro

Segundo Gohn (2002), os novos movimentos sociais “podem ser considerados como as organizações populares as quais ganham visibilidade pelas novas formas de configuração da participação social, através da construção de identidades coletivas e



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

laços sociais (redes sociais)”, buscando por maiores inserções nos espaços de decisão das políticas públicas. Gohn (2007) acrescenta que o paradigma dos denominados novos movimentos sociais:

Elimina o sujeito histórico redutor da humanidade, predeterminado, configurado pelas contradições do capitalismo e formado pela ‘consciência autêntica’ de uma vanguarda partidária. Ao contrário, o novo sujeito que surge é um coletivo difuso, não-hierarquizado em luta contra as discriminações de acesso aos bens da modernidade e, ao mesmo tempo, crítico de seus efeitos nocivos, a partir da fundamentação de suas ações em valores tradicionais, solidários, comunitários. Portanto, a nova abordagem elimina a centralidade de um sujeito específico, predeterminado, e vê os participantes das ações coletivas como atores sociais (GOHN, 2007, p. 122-123).

Os atores sociais são sujeitos que buscam a politização das demandas estabelecidas por seus grupos, de modo a criar um campo político de força social dentro da sociedade civil. Eles constroem suas identidades por meio do princípio da solidariedade, tendo a construção a partir da base referencial dos valores políticos e culturais partilhados. Aproximando a discussão sobre os movimentos sociais para a atualidade, Santos (2011), observou que os:

Novos movimentos sociais de cunho identitário foram fortalecidos e multiplicados. Esses movimentos lutam pelo reconhecimento de suas particularidades e diferenças, ou seja, por questões específicas, acabam tocando em temáticas muito importantes que afetam a estrutura social e a própria constituição da sociedade. Isso aconteceu, por exemplo, com o movimento feminista, que provocou uma revisão a respeito da hierarquia entre os gêneros e politizou o espaço doméstico (SANTOS, 2011, p. 84).

Com relação ao movimento feminista no Brasil, no período de sua ascensão, ele não era um movimento que abrangia todas as mulheres, tendo em vista a construção das relações sociais dominantes as quais se mantinham na hegemonia da branquitude. Esse fator representou saldos negativos para a subjetividade das sujeitas que não se incluíam nesse grupo predominante de mulheres: brancas, de classe média e intelectuais. A dimensão da violência racial e as particularidades que ela assume em relação às mulheres dos grupos raciais não-hegemônicos passou a despertar análises cuidadosas e



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

possibilitou a recriação de práticas que se mostram capazes de construir outros referenciais.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transformou as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas exclusivamente sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. Conforme abordado por Gonzalez (1988):

É inegável que o feminismo, como teoria e prática, desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, na medida em que, ao apresentar novas questões, não apenas estimulou a formação de grupos e redes, mas também desenvolveu a busca por uma nova maneira de ser mulher. Ao centralizar suas análises em torno do conceito de capitalismo patriarcal (ou patriarcado capitalista), ele revelou as bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres, o que constitui uma contribuição de importância crucial para a direção de nossas lutas como movimento. Ao demonstrar, por exemplo, o caráter político do mundo privado, desencadeou um debate público no qual emergiu a tematização de questões completamente novas - sexualidade, violência, direitos reprodutivos etc. (...) Ao propor a discussão sobre sexualidade, o feminismo estimulou a conquista de espaços por homossexuais de ambos os sexos, discriminados por sua orientação sexual. (...) Mas, apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, o mesmo não ocorreu diante de outro tipo de discriminação, tão grave quanto a sofrida pela mulher: a de caráter racial (GONZALEZ, 1988, p. 308-309).

Desse modo, por muito tempo as mulheres negras não se sentiram incluídas no movimento feminista, pois suas questões perpassavam o que compusera a categoria mulher, pois, no Brasil, as mulheres negras sofrem pelos estereótipos historicamente e culturalmente produzidos sobre os seus corpos, ocasionando nas desigualdades sociais, não apenas referentes ao gênero, mas principalmente pela raça.

Essa construção social é proveniente da herança escravista brasileira. Como evidenciado por Machado (2018), o país possui “um sistema que favorece a manutenção de formas de discriminação dos indivíduos e, ao mesmo tempo, se vulgarizam teorias



raciais que asseguram que o homem e a mulher negra são inferiores e que seus lugares são sob domínio e controle”. Devido a essas questões, Carneiro (2011) pontua que:

O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimento negro e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro (CARNEIRO, 2011, *online*).

A referida autora ainda acrescenta que a inclusão da temática racial nos debates de gênero, denominado de “enegrecer o feminismo”, compõe a trajetória de mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Esse movimento, ao assumir em seus primórdios uma identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, se mostrou insuficiente em termos teóricos e práticos para nossa sociedade, que é constituída de forma multirracial e pluricultural.

Dessa maneira, a luta feminista negra pode ser entendida como um movimento aglutinador, uma vez que agrega de forma singular a discussão sobre as clivagens sociais basilares do País. Nas palavras de Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Nesse sentido, esse movimento pode ser representado como a interseção entre esses três tipos de bandeiras para reivindicações. O feminismo negro interage com as variáveis: feministas, de classe e do movimento negro, ocasionando a interdependência dessas três vertentes, ou seja, para se entender o feminismo, é necessário entender a discussão sobre o feminismo negro e a questão de classe.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

Na atualidade, é notável a ampliação de discussões acerca da interseccionalidade, uma vez que, com o crescimento do ativismo digital/ciberativismo de mulheres negras, esse espaço potencializa suas capacidades em estabelecer além de um local de fala, a realização de manifestações políticas, valorização da cultura e da estética negra (como instrumentos de empoderamento) e pautas públicas que influenciam nas agendas antirracistas e antissexistas do movimento.

4. Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

De acordo com Lima (2019), a inserção do Movimento Feminista Negro no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação faz com que:

A escrita e os novos espaços de produção e veiculação de informação fornecidos pela internet se apresentam para as Feministas Negras como uma oportunidade de contestar estereótipos e discursos que deformam e marcam negativamente mulheres, negros, corpos e sexualidades dissonantes. Ao mobilizar reflexões acerca de assuntos como racismo, machismo (além de outros como lesbofobia, transfobia, gordofobia) a partir de experiências pessoais, situações cotidianas, casos midiáticos e tendo por base a produção de acadêmicas negras brasileiras e norte-americanas especialmente, as mulheres negras em atuação na web tem desenvolvido uma produção que confronta as bases epistemológicas de orientação etnocêntrica e que se constitui como contra narrativas ao discurso hegemônico que invisibiliza e silencia a experiência negra e feminina (LIMA, 2019, p. 15).

Destarte, faz-se necessário, para além da apreciação, que as discussões expostas dentro das redes sociais de feministas negras sirvam para uma reflexão mais aprofundada sobre as estruturas da sociedade brasileira. Tendo essa questão em vista, foram selecionadas postagens de duas ativistas do feminismo negro na plataforma digital Instagram.

Nossa escolha de casos para a análise considerou, inicialmente, a necessidade da união entre o papel da militância e a formação acadêmica nas humanidades, de forma que os perfis selecionados representassem um tipo específico de influenciadora digital, focada principalmente na apresentação das pautas em formato didático e inclusivo.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

Dessa maneira, foram selecionadas profissionais com suas formações dentro das ciências sociais e humanas, ambas atuando como educadoras. Com isso, tivemos a proposta de dar um pouco mais de visibilidade para duas intelectuais que atuam no exercício constante das lutas do movimento negro e de mulheres negras, tanto no espaço físico, quanto no virtual.

As postagens, especificamente, foram coletadas de acordo com o conteúdo debatido, de forma que as escolhidas têm como mote a invisibilização e a estereotipização. Esses dois temas representam uma agenda de pesquisa frutífera para os trabalhos sobre ciberativismo e comportamento político nas redes sociais no século XXI. Como recorte temporal, optamos pelo período de 2021 a 2022, que abarca as postagens utilizadas como exemplos neste estudo.

4.1 Preta, você merece ser assumida: Relacionamentos x Redes Sociais

A primeira ativista chama-se Monique Machado (@moniimachado)⁶, uma mulher preta, do Rio Grande do Sul, escritora, psicóloga, educadora social, colunista do Sozinha Não⁷, uma das fundadoras do Colher das Pretas⁸ e do Projeto (AFRO)rescer⁹. Até o momento desse estudo, a mesma contabilizava 10.700 (dez mil e setecentos) seguidores, tendo como suas linhas de compartilhamento na rede social o autocuidado, amor e saúde para mulheres negras, conforme a postagem selecionada e analisada a seguir:

Quadro 4 - Publicação do Instagram de Monique Machado

⁶ Para mais informações sobre Monique Machado, o link do perfil no Instagram encontra-se nas referências.

⁷ É “uma plataforma experimental, uma metodologia de encontros e um lugar pra gente se sentir menos sozinha. E mais parte” / (@sozinhanao).

⁸ Perfil criado com o objetivo de divulgar bares, restaurantes e empresas no setor da gastronomia, no município de Porto Alegre - RS / @colherdaspretas.

⁹ Sobre “comportamento, sexualidade e saúde das mulheres” / (@projetoafrorescer).

Áskesis, v. 10, nº. 2, p. 210-235, Jul-Dez, 2021

ISSN: 2238-3069 / DOI: 10.46269/10221.767



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

Título da publicação em imagem	PRETA, VOCÊ MERECE SER ASSUMIDA: Relacionamentos x Redes Sociais
Data de compartilhamento	20 de Dezembro de 2021
Texto da postagem	<p>“Esses dias eu e uma amiga estávamos conversando sobre a importância de mulheres negras serem assumidas em todos os sentidos, isso inclui as redes sociais. Claro que existem pessoas que preferem não expor seus relacionamentos e gostam de manter em total sigilo. Mas é muito importante saber sobre os diferentes significados que esse assumir têm para mulheres negras e mulheres brancas.</p> <p>Quando se tem um envolvimento com uma mulher preta automaticamente vai ser inserido nessa relação uma história imposta socialmente. Essa construção vem desde a época colonial onde essas mulheres sempre foram preteridas e usadas sexualmente. Cabe para mulher negra o papel de “amante” e ser “boa de cama”, rótulos que ainda prevalecem. Quando uma pessoa tanto negra ou branca informa que não quer assumir uma relação naquele momento e ainda não demonstra o interesse em mostrar que está nesse envolvimento automaticamente a mesma está devolvendo para essa mulher o mesmo lugar de sempre, o único lugar aceitável para esse corpo. Para mulheres brancas essa pauta envolve outros gatilhos, até porque nesse corpo branco perpassa outros atravessamentos totalmente diferentes dos objetivos reais das mulheres negras. Então preta reflita e saiba que você merece ter as mãos entrelaçadas num passeio num domingo, ser acariciada de verdade.</p> <p>Preta, você merece o mundo, merece se sentir acolhida e respeitada. Você merece alguém que queira compartilhar momentos, segredos, medos, a vida com você. Que poste fotos contigo, que comente suas postagens e que faça questão sim de colocar nas redes sociais que está num relacionamento sério com você. Que te apresente para família e amigos, e que tenha orgulho da mulher linda que tem do lado. E você que está lendo esse texto se tem um relacionamento com alguma mulher negra tenha responsabilidade nessa relação ou se não</p>



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

	pegue seu banquinho e saia de mansinho. Então vamos refletir!”
--	----------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração dos autores com informações divulgadas no perfil de @moniimachado.

A construção da sociedade brasileira foi baseada em um processo de explorações e violências das mais variadas dos sujeitos não-brancos. Os seus corpos não os pertenciam, o mesmo valia para as mulheres negras. Nesse sentido, Hooks (1995) argumenta:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS, 1995, p. 469).

Isso significa dizer que, apesar de passados mais de cento e trinta anos desde o fim da escravidão, essas mulheres permanecem, no imaginário, sendo vistas como sujeitas não merecedoras de afeto ou de serem assumidas, haja vista que foi criada uma ideia de que elas são fortes, autossuficientes e não inclusas em um padrão “aceitável” para serem “exibidas” aos familiares ou colegas. Gonzalez (1988) já havia destacado que:

Um dito popular brasileiro sintetiza essa situação ao afirmar: ‘branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar’. Que se atenta aos papéis atribuídos às americanas (preta e mulata); abolida sua humanidade, elas são vistas como corpos animalizados: por um lado são os ‘burros de carga’ (do qual as mulatas brasileiras são um modelo). Desse modo, se constata como a socioeconômica se faz aliada à super exploração sexual das mulheres amefricanas (GONZALEZ, 1988, p. 317-318).

Os períodos pré e pós-colonial permaneceram dando espaço para as diferenças no tratamento entre mulheres brancas e mulheres negras, enquanto para as primeiras seus papéis se encontravam voltados ao matrimônio e maternidade, para as mulheres negras recaía a liberação sexual dos homens, reforçando os estereótipos apresentados no texto analisado, de que, de acordo com Nascimento (1976), essas mulheres possuem



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

a “capacidade sexual sobrepuja a das demais mulheres, de que sua cor funciona como atrativo erótico, enfim, de que o fato de pertencer às classes pobres e a uma raça ‘primitiva’”.

Esses fatores são indicadores para “a solidão da mulher negra” e o local no qual essas mulheres se encontram, que a psicóloga Joyce Avelar, para o *Correio Braziliense* (2022), afirma:

São posições em que ela não é objeto de amor, ela cuida do outro, mas não é cuidada. O amor de modo geral é negado para mulheres negras. Quando se pensa no amor romântico, isso se torna ainda mais distante, pois o amor romântico é pensado para mulheres brancas. Só pensar nos filmes, quem são as mocinhas, as princesas, e perceber quem aparece na posição de cuidado e em quem recebe o cuidado e o amor (2022, *online*).

Desse modo, o processo de empoderamento das mulheres negras requer a proximidade de suas experiências, uma característica muito evidente dentro dos discursos no feminismo negro é essa troca, de “elas por elas”, no qual se avalia as estruturas sociais em que Brasil se consolidou por meio do seu lugar, das vivências.

Se reconhecer na outra é uma ferramenta fundamental para a libertação das mesmas. Nas palavras de Barros (1995), o feminismo negro parte de “um - conjunto - de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afroamericanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu e da comunidade e da sociedade, que envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras”.

Para além da importância das vivências, a postagem oferece um exemplo de como sistematicamente as mulheres negras têm sido invisibilizadas, o que pode ser levado para um campo de discussão e mobilização maior dentro do Feminismo Negro. A ideia é debater como as experiências individuais refletem aspectos sociais. Nesse âmbito, o crescimento das interações e discussões *online* representam um contexto propício para a maior visibilidade de temas que nem sempre têm sido vistos como prioritários nesses movimentos, mas que envolvem aspectos da identidade das participantes.

4.2 A mulher preta petulante



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

O segundo perfil escolhido foi o de Nathália Diórgenes (@nathalia.diorgenes)¹⁰, mulher preta, de Pernambuco, feminista, doutora e mestra em Psicologia, assistente social, professora, pesquisadora e fundadora do Coletivo Revoança¹¹. Com aproximadamente 7.075 (sete mil e setenta e cinco) seguidores, seus estudos e compartilhamentos são voltados à raça, gênero e classe.

Quadro 5 - Publicação do Instagram de Nathália Diórgenes

Título da publicação em imagem	A MULHER PRETA PETULANTE
Data de compartilhamento	15 de Fevereiro de 2022
Texto da postagem	<p>“As mulheres negras passam a vida sendo estereotipadas. Desde a primeira hora que respiram, imagens de controle perversas recaem sobre elas e asfixiam suas vidas. Raivosa, petulante, ‘não sabe seu lugar’, ‘boa de cama’, são apenas a ponta do iceberg. Ficar sentada para uma plateia levando balde de água suja é o cotidiano das mulheres negras. Por isso a cena foi tão chocante.</p> <p>Por quantas vezes nos sentimos no lugar de Natália? Sendo depósito das mágoas, desesperos, cansaços e simplesmente da maldade de terceiros? Quantas vezes nos sentimos violentadas, julgadas, humilhadas na frente de todo mundo? Rejeitadas, excluídas e sozinhas?</p> <p>Aqui não se trata se ela fez ou se ela não fez. Não se trata de ela é fascista, ela é contra o debate racial ou ela não tem consciência de raça. Sinceramente nada disso me interessa aqui. O que me interessa é estereótipo racista de petulante, arrogante, raivosa, instável que recae por cima das mulheres negras, em particular para as mulheres retintas todo santo dia.</p>

¹⁰ Para mais informações sobre Nathália Diórgenes, o link do perfil no Instagram encontra-se nas referências.

¹¹ Descrito como “um grupo de mulheres com experiência na docência e pesquisa” / @revoanca.oficial.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

	<p>A gente precisa parar de jogar a nossa falta de consciência racial em cima das pessoas oprimidas. Negar o debate racial é muitas vezes estratégia de sobrevivência nessa sociedade que tem as veias cheias do sangue da violência racial.</p> <p>O fato de Natália de ter falado no programa coisas que eu tenho profunda discordância não quer dizer que ela não sofra racismo pelo simples fato que o racismo não depende da autorização dela para atuar. E pasmem! Mesmo falando isso, Natália resiste ao racismo cotidianamente, pois do contrário nem tava aqui para levar um balde na cabeça ao vivo em rede nacional.</p> <p>O fato de ter sido uma mulher negra da pele clara que cometeu esse ato nos diz três coisas: 1) a responsabilidade da Globo em promover esse circo para salvar a audiência; como eu já disse em outro momento o racismo como entretenimento gera lucros; 2) a centralidade da mestiçagem no racismo brasileiro já que se utiliza da precária passabilidade das pessoas negras de pele clara pela branquitude, como é o caso de Maria; 3) e a nossa responsabilidade enquanto sociedade de promover um debate racial de qualidade.</p> <p>Quem não viu o racismo ontem, precisa voltar para a casa zero do jogo.”</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração dos autores com informações divulgadas no perfil de @nathalia.diorgenes.

O texto selecionado aborda uma questão específica, porém, com vários contornos sociais, referente a participante Natália Deodato, do reality show Big Brother Brasil. Ela que é uma mulher jovem, negra, de vinte e dois anos, com a doença de pele autoimune chamada Vitiligo.

Apesar da mesma, em seus primeiros dias confinada, tenha expressado alguns posicionamentos problemáticos sobre a questão racial, romantizando as causas da escravidão¹², não significa que a mesma em suas experiências não tenha sofrido racismo,

¹² Ribeiro (2019, p. 7) afirma que “no Brasil, há a ideia de que a escravidão aqui foi mais branda do que em outros lugares, o que nos impede de entender como o sistema escravocrata ainda impacta a forma como a sociedade se organiza”.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

nesse caso a mesma não reconhece como tal. Os gatilhos emocionais¹³ que Natália possui são diversos, principalmente com relação a rejeição, e a forma de lidar com eles acaba sendo de modo inconsciente, sendo vista como “raivosa”, “petulante”, “hostil”. De acordo com Prado (2021), esse estereótipo se faz por:

Uma figura fantasiosa que reitera a violência provocada pelo racismo, pois simbolicamente abafa as vozes dessas mulheres provocando silenciamento (...) Não permitem que elas sintam raiva, medo, fraqueza e expressem os seus desejos, sem que sejam inseridas nesses dois extremos: super humanas ou subumanas. Essa dualidade ora aloca o corpo da mulher negra para o trabalho, ora para o prazer com ideias superficiais que transitam entre a ‘trabalhadora braçal’ e a ‘doméstica’ ou a ‘mulher quente’ e ‘fogosa’ (PRADO, 2021, *online*).

A negação e o silenciamento do direito das mulheres negras foram construídos a partir dos estigmas criados no período escravista e perpetuados até os dias de hoje, de modo a controlar as mesmas, ocasionando nas mais variadas formas de violência. Para Nascimento (2020):

O papel instituído socialmente para a mulher negra como raivosa e agressiva é uma forma de hierarquizar posicionamentos. É por meio da manutenção dessa imagem que os privilégios são mantidos e os nossos argumentos são desarticulados, vozes deslegitimadas e desacreditadas. Atribuir o sentimento da raiva de forma ‘demonizada’ às mulheres negras é mais uma forma de desumanização. Esse estigma se alinha, na sociedade, ao mito da força. Nós, mulheres negras, somos vistas como indivíduos que não precisam de atenção ou cuidado, pois somos percebidas como pessoas fortes, insensíveis e/ou que conseguem se defender sozinhas e não precisam de ajuda. A esse discurso, ainda se acrescenta o estereótipo da falta de autocontrole, de domínio do emocional sobre o racional, da instabilidade (NASCIMENTO, 2020, *online*).

Discutirmos essa pauta, a partir de um episódio ocorrido em rede nacional, que teve grande repercussão nas redes sociais, também nos faz refletir como a mídia lucra com situações de humilhação dos sujeitos. Segundo Moreira (2019):

A televisão como expressão de um campo representacional levanta debates sobre os sentidos das representações sobre grupos raciais em função de sua relevância para a formação da percepção dos indivíduos nos mais variados

¹³ Dentro da psicologia esse termo é utilizado para uma resposta mental que envolvem “emoções, pensamentos e comportamentos mais específicos, conectados principalmente a experiências passadas. Os gatilhos emocionais podem ser tanto negativos quanto positivos, mas necessariamente remetem a momentos que já aconteceram, no sentido de ‘reviver’ aquilo” (PIMENTA, 2020).



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

contextos. As imagens produzidas nesse meio de comunicação podem ser formas de disseminação de estereótipos descritivos e prescritivos sobre grupos raciais. Essas falsas generalizações não fazem apenas referências à questão racial. O tema da raça aparece associado a diversas outras questões em discursos que procuram referendar medidas de segurança pública, as respostas do governo a demandas de direitos, a valoração moral dos diversos grupos que fazem parte da comunidade política. Assim, mais do que representações específicas da raça, a televisão é um lugar de legitimação de vários outros aspectos responsáveis pela reprodução da hegemonia social das pessoas brancas. Um sistema de opressão como o racismo não opera isoladamente; o domínio de certos segmentos sobre outros também depende da exclusão econômica, da marginalização cultural e da ausência de representação política (MOREIRA, 2019, p. 66).

Essas representações de grupos raciais realizados por emissoras, são denominadas de racismo recreativo, um conceito que não é novo, mas se debruça em micro agressões, de modo mais sutil ou até mesmo agressões mais perceptíveis que surgem nas redes televisivas, através de programas e novelas. As formas nas quais os sujeitos negros são apresentados em sua maioria são estereotipados, sempre sendo postos em espaços representacionais da margem e vulnerabilidade social.

O avanço dos movimentos contra o racismo faz com que essas questões estejam mais espaçadas na sociedade, porém, não extintas, a exemplo do *reality show*, a pressão por meio das redes sociais acerca do episódio causou uma resposta positiva, levando a eliminação da outra participante por agressão física a Natália, que recebeu inúmeros baldes de água suja durante o jogo, em um efeito manada.

Esse tipo de entretenimento serve como micro agressão, que são insultos verbais ou comportamentais, intencionais ou não, que comunicam ofensas raciais hostis, depreciativas ou negativas a uma pessoa ou a um grupo, e o enfrentamento do mesmo precisa ser constantemente.

Dessarte, com a utilização das redes sociais, as ciberativistas negras juntamente as mulheres integram um espaço de construção democrático horizontal e “não hierárquico”. Contribuindo para as transformações de suas próprias realidades, fortalecendo e reforçando suas lutas, além de incentivar a desconstrução de padrões de imagens, aumentando sua representatividade e vozes dentro das mídias alternativas.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

5. Considerações Finais

Nesta pesquisa, apresentamos uma breve contextualização acerca do ciberativismo, especificamente das novas formas de interação social dentro do feminismo negro no Brasil. Com o advento da Internet e a redemocratização brasileira, o país experienciou um crescimento considerável dos movimentos sociais e a institucionalização de algumas pautas populares, fortalecendo as lutas dos grupos envolvidos.

No espaço cibernético, para além das plataformas políticas formais, as ativistas viram uma forma de mobilização e manifestação. Nesse sentido, a universalização do acesso à Internet proporcionou um salto qualitativo nas formas de ciberativismo. No mundo conectado, os acontecimentos antes invisibilizados passaram a ter canais de divulgação, o que contribuiu para a expansão do debate na sociedade sobre o cotidiano, por exemplo, das mulheres negras que, anteriormente, não se sentiam incluídas nas pautas principais do feminismo majoritariamente branco.

Com a intenção de aprofundar essa discussão, apresentamos uma parcela da literatura da área e os seus principais conceitos, contextualizando-os em relação à realidade do espaço cibernético brasileiro. Além disso, analisamos, por fim, conteúdos de publicações de ciberativistas do feminismo negro e refletimos sobre a contingência dessas postagens e do quanto elas explicam a sociedade em que elas estão inseridas.

Referências

BAIRROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**, ano 3, n. 2, p. 458-463, 1995.

BARROS, Zelinda. Feminismo negro na Internet: cyberfeminismo ou ativismo digital? **Academia.edu** [online], 2009.

BRASIL. ASCOM/Ministério das Comunicações. Brasil está entre os cinco países do mundo que mais usam internet. **Gov.br** [online]. Disponível em:



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/brasil-esta-entre-os-cinco-paises-do-mundo-que-mais-usam-internet>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CALDAS, Paula da Silva. O Paradigma dos Novos Movimentos Sociais para a defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Revista Sociedade em Debate**, v. 18, p. 69, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Portal Geledés** [online]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CETIC.br. **TIC Domicílios 2020**: Edição COVID-19 (Metodologia Adaptada). Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2020_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

CIRIBELI, João Paulo; PAIVA, Victor Hugo Pereira. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Revista Mediação**, v. 13, n. 12, 2011.

CORREIO BRAZILIENSE. **Solidão da mulher negra**: especialistas explicam significado e origem do termo. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/02/4981960-solidao-da-mulher-negra-especialistas-explicam-significado-e-origem-do-termo.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, ano 10, v. 1, 2002.

DIÓRGENES, Nathália. **Perfil Oficial no Instagram** [nathalia.diorgenes]. Disponível em: <https://www.instagram.com/nathalia.diorgenes/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

DURIGUETTO; Maria Lúcia; MONTAÑO, Carlos. **Estado, Classe e Movimento Social**. 2ª Ed. - São Paulo: Cortez, 2011, Biblioteca Básica de Serviço Social, v. 5.

GLOBO. Denúncias de crimes cometidos pela internet mais que dobram em 2020. **G1 - Economia/Tecnologia** [online], 09 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/02/09/numero-de-denuncias-de-crimes-cometidos-pela-internet-mais-que-dobra-em-2020.ghtml>. Acesso em: 05 fev. 2022.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: Movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Revista Mediações**, v. 5, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2000.



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais no Século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 6ª Ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *In: GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzales em primeira pessoa*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, [1988], 2018. p. 307-320.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, 1995.

LIMA, Dulci. Feminismo Negro e Ciberativismo no Brasil. **Entropia**, v. 3, n. 6, 2019, p. 5-21.

MACHADO, Cristiani Vieira; LIMA, Luciana Dias; BAPTISTA, Tatiana Wargas de Farias; (Orgs). Políticas de saúde no Brasil em tempos contraditórios: caminhos e tropeços na construção de um sistema universal. **Caderno de Saúde Pública** [online]. v. 33, n. 2, 2017.

MACHADO, Monique. **Perfil oficial no Instagram** [@moniimachado]. Disponível em: <https://www.instagram.com/moniimachado/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MORAES, Eunice Lea de; SILVA, Lucia Isabel Conceição da. Feminismo Negro e a Interseccionalidade de Gênero, Raça e Classe. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v. 7, n. 13, 2017.

MOREIRA, Adilson. Racismo Recreativo. 2019. **Feminismos Plurais**. São Paulo, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. (1976). A mulher negra no mercado de trabalho. *In: Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Instituto Kuanza; Imprensa Oficial: São Paulo, 2006. p. 102-106.

NASCIMENTO, Laís. Os arredores da preta raivosa. **Revista Retruco**. 25 jul. 2020. Disponível em: <https://www.retruco.com.br/post/os-arredores-da-preta-raivosa>. Acesso em: 17 fev. 2022.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil**. Tese (Doutorado em Psicologia) – São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2010.

PIMENTA, Tatiana. **Gatilhos emocionais: o que são e como lidar com eles?**. São Paulo, 26 ago. 2020. Disponível em:



Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram

<https://www.vittude.com/blog/gatilhos-emocionais-o-que-sao-como-lidar/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

PRADO, Monique Rodrigues do. **Mulheres negras**: nem 'super mulheres' e nem 'raivosas', somos humanas. São Paulo, 01 abr. 2021. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/mulheres-negras-nem-super-mulheres-e-nem-raivosas-somos-humanas>. Acesso em: 17 fev. 2022.

QUADRADO, Jaqueline Carvalho; FERREIRA, Ewerton da Silva. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **Revista Katálysis**, v. 23, n. 3, p. 419-428, set./dez. 2020.

RESULTADOS DIGITAIS. **As 10 Redes Sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e materiais**. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAFERNET BRASIL. **Site Oficial**. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. Novos Movimentos Sociais: feminismo e a luta pela igualdade de gênero. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 9, p. 81-91, 2011.

VEGH, Sandor. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, Martha; AYERS, Michael D. (Ed.). **Cyberactivism: online activism in theory and practice**. London: Routledge, 2003.

Texto recebido em 02/04/2022 e aprovado em 17/08/2022

DOI: 10.46269/10221.767